

Psicanálise uma Ciência Unheimliche¹

Ignácio A. Paim Filho²

A verdade, porém, é que o escritor verdadeiramente criativo jamais obedece a essa injunção. A descrição da mente humana é, na verdade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ele tem sido um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica (Freud. 1907, p. 50)

Pensar em esboçar ideias, levando em conta a proposição título desse texto³, me causa certo grau de estranhamento, convite a recuar e, ao mesmo tempo, me deixar levar pela postura freudiana em utilizar a escrita como forma de elaboração de vivências sinistras. Provavelmente essa vivência se dá por dois grandes motivos: juntar ciência - psicanálise e, como se não bastasse, o nosso desconcertante *Unheimliche*. Proposta por demais audaciosa.

Esclareço que não pretendo entrar na polêmica discussão do que é ciência e se a psicanálise é uma ciência. Estabeleço como referência a concepção freudiana de pensamento científico, trabalhada em 1913, que tece a tese da alteridade como elemento constitutivo desse pensar. Tomarei essa concepção como sinalizador para elaborar minhas especulações sobre a pertinência da psicanálise como ciência. Pensamento que tem seu escopo assentado no princípio da incerteza, que sustenta ser todo o conhecimento, parcial: o não saber como mola propulsora da interminável busca do saber, com sua transitoriedade. Pretendo refletir sobre os postulados dessa estranha ciência, que tem como *precursor* os escritores criativos. Ideia fecunda, proposta

¹ Trabalho a ser publicado no livro: *Unheimliche – inconfidências metapsicológicas* (Paim Filho, Abril/2019, Sulina).

² Psicanalista, membro pleno do CEPdePA, membro titular, com função didática da SBPdePA, Diretor científico da FEBRAPSI (2018-2019).

³ Essa temática tem seu primeiro tempo no trabalho “Psicanálise uma ciência Unheimliche: o mais além das neurociências” (Paim Filho, 2009), no qual exercito uma reflexão pontual entre a especificidade do pensar da psicanálise e o das neurociências. Entretanto o presente trabalho é um pós-escrito, que tem estranhamente, a função de abertura, ou seja, busca a ampliar e aprofundar os fundamentos de tal proposição: o estranho como característica, por excelência, do pensar e do fazer psicanalítico.

por um ominoso homem de ciência⁴ – *seu campo mais legítimo desde tempos imemoriais* – para amparar minhas divagações metapsicológicas. Sendo assim, não seguirei a rota da ciência da natureza – ideação de Freud – como também não as rotas das ciências do espírito.

Como já dito, pretendo poder especular talvez brincar, com uma ideia para ver aonde ela poderá nos levar (Freud, 1920). Nesse sentido, o estranho me seduz, me induz, ou ainda, me conduz a olhar sua amplitude, a partir de um ramo particular da estética, que alude à *qualidade do nosso sentir* (Freud, 1919, p. 329). Qualidade que nos convoca a refletir no inconsciente e seus derivativos e ramificações, tendo por sinalizador sua tríplice configuração, que comporta o topográfico, o dinâmico e o econômico.

Buscando fundamentar minha proposição, desenho as ideias em torno de segmentos que transitam: pela **Pré-história**, pela **História** e pelas **Repercussões da História**, da *Escritura do Das Unheimliche* na obra freudiana.

Pré-história da escritura - Das Unheimliche

Pois na verdade é que não sou, de modo algum, um homem de ciência, nem observador, nem experimentador, nem um pensador. Sou, por temperamento, nada além de um conquistador – um aventureiro [...] (Freud, 01/02/1900).

Estabelecer um ponto de partida, para essa jornada, que implica refletir a especificidade do pensar psicanalítico freudiano, é uma questão relevante, porém, arbitrária. Não existe o ponto. Existe a escolha – inconsciente/consciente – que podemos fazer a partir de nossas

⁴ O responsável pelo terceiro golpe, o psicológico, no narcisismo da humanidade: *O eu não é senhor em sua própria morada* (Freud, 1917, p. 250). Assinalo que nesse trabalho de 1917, *Uma dificuldade da psicanálise*, Freud vai ressaltar o seu eminente caráter de estranheza, ao ser o portador dessa má notícia para Eu consciente: a existência dentro de si de um hóspede desconhecido, que o governa. O primeiro golpe, o cosmológico, proferido por Copérnico, ao dizer que a terra gira ao redor do sol; o segundo, o biológico, por Darwin, que o homem tem uma origem animal.

compreensões. Recordemos que a escritura desse texto tem uma particularidade temporal. Em carta a Ferenczi, em maio de 1919, Freud relata que desenterrou um antigo trabalho da gaveta e o está reescrevendo. Não sabemos quanto tempo ficou soterrado e nem o motivo de tal engavetamento. Aventamos a possibilidade de ter começado a ser escrito em 1911. Ao propormos tal data o fazemos em referência a outra carta a Ferenczi, de maio de 1911, a qual encerra dizendo que está lhe enviado o *Sr. Sinistro*. Encontramos, no decorrer dessa, alusões às curiosidades desses pesquisadores da alma, a respeito de comunicações inconscientes. Freud vai referir-se a esses fenômenos com o *assombrosamente belo*.

Isto alocado, iniciemos nosso itinerário: tomo como referência, primeira, o ano de 1897. Momento que, via palavra escrita, registra o nascimento da parceria de Freud com os escritores criativos, na concepção de sua ciência: o primeiro *Shibboleth* da psicanálise. Sófocles, com romance familiar dos Labdácidas, narrado em seu *Édipo Rei*, e Shakespeare, com o romance familiar do príncipe dinamarquês, Hamlet, surgem, estranhamente, para fundamentar a preponderância da fantasia – universo do desejo – na organização da vida anímica. Marco balizador da proposição que será enunciada em 1907: os escritores como predecessores da *psicologia científica*.

Esse contexto fértil do final do século XIX, permite ao conquistador do inconsciente, em 1900, publicar sua primeira grande obra, centrada no que era do *âmbito do marginal* para a ciência de sua época: os sonhos. Nesse tratado desvelará o mundo do inconsciente, o território dos desejos. Somos habitados por forças ocultas, que determinam nosso jeito de ser. Instauração da perene dialética entre verdade histórica e verdade material. Prenúncio da célebre e inquietante frase de 1917: *O eu não é senhor em sua própria morada*. Estão postos mais dois *Shibboleth*: o inconsciente e os sonhos. A esse clássico dos clássicos, agregamos os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), oportunidade em que a sexualidade infantil, aberrante por natureza, assume de forma explícita no pensamento freudiano e de maneira inédita nas ciências, o lugar de ser constitutiva da estruturação do psiquismo. A pulsão como conceito limite entre o somático e o psíquico adquire o status de força motriz da psique – o invisível, que se faz parcialmente visível, através de suas representâncias: o construído no encontro da pulsão com o objeto, com toda a sua carga de

subjetividade. Com os sonhos, Freud fundamenta a existência do inconsciente com seus *três ensaios* fundamenta qual o conteúdo desse inconsciente: os desejos incestuoso e parricida, que por seus aspectos demoníacos sucumbem ao recalque. Estabelece-se a terra do exílio, configurando o estrangeiro em nós. Com esse cenário constituído, Freud (1905a) está habilitado – com um toque de mestre – a forjar um sentido ao *monsense* dos chistes, revelando a importância desse surpreendente prazer estético, resultante de um tropeço, para a economia psíquica. Processo que tem por si só a marca da alteridade, necessita de um emissor e de um interlocutor, que seja tocado pelo riso: necessidade de um substrato cultural em comum.

Eis aqui estabelecidos os estranhos fundamentos de nossa ciência. Fundamentos erigidos a partir de uma situação incomum no universo de produzir ciência: o investigador ter a si mesmo como objeto de estudo – Freud e sua autoanálise. Essa que juntamente com a clínica e as manifestações da cultura, formam o tripé que vai viabilizar os ingredientes necessários para o laboratório de análise e síntese, na construção do revolucionário edifício da psicanálise.

Seguindo essas ponderações rumo ao *Estranho* de 1919, num livre associar, o trabalho *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (Freud, 1907) é pródigo em sensações de estranhamentos: produz inquietações decorrentes do leitor não saber do que se trata – delírios ou sonhos? Texto que traz em suas páginas o que podemos considerar como esboço de ideias, que aludem à proposição de uma vivência estética: a apresentação do secreto do *heimliche* via as inquietantes peregrinações de Hanold pela soterrada Pompeia, que retorna incrivelmente nos pés da Gradiva, em alto relevo. Nosso protagonista encena em sua odisseia, pelo território da neurose, os conflitos entre o princípio do prazer e de realidade: transitando entre Narciso e Édipo. O conto de Jensen é um convite intrigante para trabalhar essa temática. Freud, o poeta escritor, aos moldes dos escritores criativos, antecipa, nessa narrativa, as especulações que tecerá em 1919, em torno do *Homem de areia*, de Hoffman.

Prosseguindo nas pegadas do pensamento freudiano encontramos em 1911, no *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, uma espécie de carta inventário – ressitando sua metapsicologia. Momento de dar mais plasticidade ao retorno do recalcado. Esse que traz em si os ecos da

configuração proposta por Freud em 1911, no Caso Schreber – a dinâmica do recalçado, em seus três tempos é desenhada. Nesta Carta/inventário deparamo-nos com a presença da palavra “*entfremden*” (afastá-lo), já no primeiro parágrafo. Vai merecer uma nota do tradutor (Luiz A. Hans, Imago, 2004), que destaca a vinculação do *fremde* com o estranho, desconhecido, o inquietante, o alheio... Enfatiza a alteridade e a estranheza; o *ent*, como separação. Essa palavra “conceito” revela a dinâmica do retorno do recalçado: o estranhamento e o afastamento que sujeito sente e sofre, na sua vigência – sinistro jogo da atração e repulsa. Fico inclinado a crer que nesse momento Freud estivesse fazendo sua primeira incursão teórica ao trabalho do estranho.

Em 1913, com *Totem e tabu*, temos explicitado uma estranha proposição de uma antropologia psicanalítica: mito das origens. Freud, o estrangeiro em terras da antropologia, pretende conferir uma fundamentação metapsicológica à constituição do indivíduo e da ordem cultural, tomando por paradigma o complexo e Édipo e seus desdobramentos diante do complexo de castração. Curiosa junção que o tabu revela: o profano e o sagrado. A importância do trânsito da endogamia para a exogamia estabelecendo sua história. Discorrendo sobre o processo de humanização do bicho homem, ocupa-se do pensar em seus três segmentos: pensamento animista, religioso e científico. Destaco no animista, algo que ressurge em 1919, a invenção pelo homem da alma imortal, o duplo, em sua íntima relação com o assombroso da finitude. Encontro na frase de Fausto, ressonâncias da busca por mitigar a mortalidade no jogo geracional – desamparo/amparo: "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu" (Goethe, Fausto – Freud, 1913).

Compreendo que textos técnicos que foram sendo edificados entre 1911 e 1914, trazem consigo as marcas do estranhamento freudiano com os fenômenos da clínica, em especial o lugar do inconsciente do analista, no processo analítico: a transferência galgando o lugar de um quinto *Shibboleth* (Paim Filho e Leite, 2012). A sinistra constatação da comunicação de inconscientes: tempo de fazer suas recomendações aos que exercem a psicanálise. Afinal, a *clínica é a psicanálise encarnada* (Terra Machado, 2018). Nessa corporificação o estranho se faz o agente revelador do processo analítico, com seus instigantes mistérios. O analista é convocado a ocupar e

sustentar o lugar do forasteiro, na dinâmica transferencial e contratransferencial.

Avançando em nosso roteiro chegamos ao que intitulo a virada de 1914⁵, *Narcisismo uma introdução*. Esse traz para o palco analítico a importância e preponderância dos objetos primários na constituição do aparelho psíquico. O narcisismo primário – inscrição do estrangeiro dentro do Eu – merece um olhar longitudinal e vertical. O Eu-ideal com seus mandatos endogâmicos se faz agente da força do destino: o investimento parental – todo filho deve... Entendo que o seguinte enunciado freudiano dá consistência, de forma sintética, a este imperativo: *A imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade encontra refúgio, abrigo na criança* (Freud, 1914). Essa concepção, sobre a introdução do sinistro no Eu, com seus múltiplos desdobramentos, dá guarida à profética frase proclamada em 1919:

Tais ideias, no entanto, brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário [...]. Entretanto, quando essa etapa está superada, o 'duplo' inverte seus aspectos. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transformou-se em estranho anunciador da morte (Freud, 1919, p. 294).

O texto do narcisismo terá seu contraponto no texto poético de 1916, *Sobre a transitoriedade*. Nele a complexidade da vida e da morte ganha contornos para ser pensada e sentida. O trabalho do luto começa a ser evocado como condição de sobrevivência psíquica: sua elaboração como decorrência da cicatrização das feridas narcísicas. Esse ensaio faz o estranho trajeto entre o texto de 1914 e *Luto e melancolia*.

Em *Luto e melancolia* (1915/1917) o estranho segue sua gestação, via a problemática sinistra das identificações primárias, do estrutural ao

⁵ No trabalho *Exercitando a leitura de Freud nesses novos tempos* (Paim Filho&col, 2014), os autores revisitam o legado freudiano. Nesse processo identificam e propõem quatro viradas em seu pensamento: 1ª [1891-197] – 1905 – **A invenção do desejo – O acontecer do inconsciente – A sexualidade infantil**; 2ª 1914-1915 – **O desejo narcísico – O outro – O acontecer do Eu**; 3ª 1919/1920 – 1930 – **O não desejo – O desejo de destruição – O não representável** e 1925/1927 – 1937/1938 – **A castração – A problemática da cisão – A interpretação/construção**.

psicopatológico. A emblemática expressão “Assim a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (Freud, 1915 [1917], p. 108) faz ecoar, tal qual um fantasma inquieto, a poder do objeto. O trabalho do luto passa a ser paradigmático para galgar autonomia psíquica, na contracorrente do trabalho insano da melancolia: a permanente repetição do mesmo. A destrutividade desassossegando o pensamento freudiano. A mitologia pulsional, centrada na dualidade auto conservativo *versus* o sexual sofre ranhuras: o suicídio, que remete a um homicídio, interroga a concepção vigente.

Esse rápido percorrido pelas ideias seminais de Freud tem por objetivo assinalar pontos de ancoragem para o acontecer da reescritura do *Das Unheimliche*, em 1919. Entendo que ficar engavetado, em torno de oito anos, ocorre pela necessidade de Freud significar e ressignificar seus *Shibboleth*, à luz de postulações que estavam por vir, em particular: totem e tabu, narcisismo, transitoriedade e o luto e melancolia. Textos que, em sua intertextualidade, carregam a marca de certo grau de extemporaneidade, que suscita sensações sinistras que delinear-se-iam de maneira mais clara no decorrer da década de vinte a trinta, no século XX.

A história da escritura do forasteiro

“Há muito ele não conhece ou experimenta algo que poderia lhe produzir a impressão de inquietante; primeiro tem de transportar-se para esse sentimento, evocar dentro de si a possibilidade dele” (Freud, 1919, p. 339).

Antes de adentrarmos em nosso texto, façamos uma breve referência a alguns acontecimentos de 1919, que acreditamos estejam relacionados entre si. Acontecimentos que fazem do ressurgir do *Estranho* ponto de convergências de ideias. Lembremos que nesse ano Freud escreve um dos artigos mais densos e complexos – *Bate-se em Uma Criança*. Leitura não

fluida, que produz estranhamentos, mesmo no leitor que tenha intimidade com as narrativas de Freud. Diria que nesse texto não encontro o Freud ganhador do prêmio Goethe, nem o autor versado na prosa científica. Sabemos através de carta a Ferenczi, janeiro de 1919, que esse texto visa ser uma contribuição à gênese do masoquismo, a passividade originária se insinuando na letra freudiana. Assinalo que, talvez, traga consigo as marcas da vivência sinistra que deve ter sido para Freud analisar sua filha, Ana Freud (1918-1920). Essa que será retomada entre 1922 – 1924. Poderia ser a intensidade desses acontecimentos que surgem, pelo reverso (negação) que insinua o verso, na afirmação de Freud, nas páginas iniciais do texto de 1919: *Há muito ele não conhece ou experimenta algo que poderia lhe produzir a impressão de inquietante.*

Seguindo nessa linha de pensamento é importante sublinhar a concomitância dos escritos freudianos: Ele estava rascunhando o *Além do Princípio do Prazer*, enquanto reescrevia *O Estranho* (Carta a Ferenczi – Maio de 1919). Nessa mesma carta comenta suas curiosidades sobre a psicologia dos grupos. Veremos seus desdobramentos *a posteriori*.

É tempo agora, de nos concentrarmos na história de nosso estranho texto. Um primeiro apontamento se faz necessário: *Das Unheimliche* – é um substantivo que remete ao nome e o conteúdo de um determinado lugar – um território – o inconsciente com sua sexualidade infantil; enquanto seus derivados, como o estranhamento, são adjetivos – qualidades do sentir – estamos no plano da estética. Estética que circula entre o fascínio e o horror diante conhecido/desconhecido, que o complexo de castração incita. O texto, como um todo, é um convite para que os analistas ousem adentrar nesse território pouco familiar – o território de uma hipotética estética psicanalítica. Entretanto, aponta que se trata de um *âmbito particular* dessa: um *âmbito marginal* – ocupar-se do que é repulsivo e doloroso. Nesse sentido adverte para tornar factível essa enigmática tarefa, se faz necessário uma *extrema delicadeza nos sentidos*.

Tomemos essa advertência como guia – *transportar-se para esse sentimento, evocar dentro de si a possibilidade dele* – para estruturar nossa compreensão desse texto inaugural da virada de vinte, uma vez que ele exige do leitor um circular entre a literariedade da palavra escrita e o subtexto, que

desliza entre suas sinuosas linhas, desenhando uma inusitada coreografia. Nesse sentido, entendo que esse trabalho estrutura-se em torno de dois eixos. O primeiro, sua proposição mais explícita: o estranho vinculado ao retorno do recaiado, portanto a inquietação do sujeito ao deparar-se com a ameaça da irrupção do desejo recaiado: conflito entre o desejo e a proibição. Contudo, é uma ameaça mais sutil, está no escopo da angústia, porém irá transitar pelas sensações, algo sempre carregado de uma menor especificidade. Freud remete a existência de um “núcleo especial de sensibilidade”, e se interroga que núcleo é esse, e, busca validá-lo no decorrer da narrativa. Interrogante importante para quem pretende corroborar “O estranho”, como um *conceito específico*.

O segundo eixo remete a uma proposição implícita, que requer uma escuta atenta e sensível, entretanto, susceptível a equívocos. Mas, amparado pela modelo de Freud, o *aventureiro*, vejamos o que podemos propor. O sinistro remetendo para o além do princípio do prazer: o caráter repetitivo da pulsão. A repetição do mesmo, o traumático, o que não se deixa representar. Busca traduzir suas inquietações com a compulsão à repetição – gestação da pulsão de morte. Nesse sentido, o Estranho, ao propiciar abertura para a virada de 1920⁶, cria possibilidades para nos havermos com o universo do inconsciente não recaiado, o que retorna como sensações, por não ter acesso à palavra. Sensações que convocam o analista a sentir em si, o que é potencialidade de vir a ser representação em seu analisando. O sinistro sinalizando a força traumática dos “*fueros*” (1896) da origem do psiquismo. Contexto fértil para ampliar os sentidos da ominosa reação terapêutica negativa, ou ainda, dos *arruinados pelo êxito* (1916).

Em meio as suas construções sobre a problemática da estética revela a necessidade de **algo** ser acrescentado ao familiar e não familiar para torná-lo estranho. O que seria esse **algo**? A força do pulsional desgarrado? O desamparo? O *Ding* (1895)? O insuportável da finitude? [...].

Acredito que esses interrogantes, até aqui esboçados, com suas repostas parciais, serão os ingredientes fundamentais para a ampliação do pensamento metapsicológico freudiano. Esse que se caracteriza por estar sempre em

⁶ Nesse sentido remeto ao texto *Freud reinventando Freud: um retorno às origens* (Paim Filho, 2014). Trabalho que versa sobre a constituição do conceito de pulsão de morte no pensamento de Freud.

movimento – agora nas terras do além – ganhando expressão, tornando mais permeável o território impenetrável que o *heimliche* comporta. *Posso, contudo, expressar a esperança de que abri um caminho para importante progresso em nossos conhecimentos* (Freud, 1926, p. 87)

Repercussões da escritura nas terras do além

[...] ainda me causa estranheza que os relatos de casos que escrevo pareçam contos e que, se poderia dizer, falta-lhes a marca da seriedade da ciência (Freud, 1892/1895, p. 172).

As ideias construídas em 1919 terão suas repercussões diretas no trabalho de 1920. O *Além do princípio do prazer* dá sequência e consistência às questões que foram gestadas até então. Agora, Freud já está em condições de postular de forma explícita o conceito de pulsão de morte. A destrutividade com princípio constitutivo do humano está posta: *a inegável existência do mal* (Freud, 1930, p. 142). Nessa trajetória, de 1919/1920 a 1930, essa pulsão vai adquirir o status da pulsão por excelência. O pulsional com sua impossibilidade de plena apreensão, marca maior do desamparo, registra de forma contundente o estranho no cerne da alma.

Em 1921, em *Psicologia das massas*, essa temática segue na via privilegiada das identificações, com suas estranhas implicações na dinâmica do Eu: *fascínio, devoção e sacrifício*. O poder da sugestão se reatualiza, a *tragédia do destino* segue fazendo história. Nesse contexto a força do objeto se faz contundente. Temos o reencontro com as proposições freudianas sobre o pai da horda primeva, seu mito, ganha o inquietante status de científico. Seguindo nessa esteira vai propor um novo mito, para justificar como ocorreu a passagem do assassinato coletivo do pai para o individual – o mito do herói. Assim sendo, recorre aos poetas épicos, como os narradores desse monumental processo. Parte do princípio que o primeiro poeta épico foi aquele que deu voz, de forma mítica, ao feito heroico, através de certo grau de renegação: o herói é todo aquele que matou sozinho o pai. Esse processo é

importante, no sentido que traz consigo o duplo vértice do sinistro, conhece e não conhece a história originária: possibilidade de tomar para si parte de feito universal realizado por todos os irmãos. Desse modo o humano está habilitado a exercitar o parricídio simbólico, no intercâmbio entre a filogênese e ontogênese: *Assim, o mito é o passo com o qual o indivíduo emerge da psicologia de grupo* (Freud, 1921, p. 172).

Seguindo nosso trajeto, em 1936, em *Um Distúrbio de Memória na Acrópole*, deparamo-nos com uma carta aberta de Freud, que tem por destinatário o escritor, ganhador do prêmio Nobel de literatura (1916), Romain Rolland, em seu septuagésimo aniversário. Modelo lapidar, 15 anos depois, para Freud ressignificar o mito do herói, em sua história pessoal: ocasião em que, nosso poeta épico adquire condição de dar narrabilidade ao estranho, em si mesmo. Nessa narrativa começa por discorrer as peculiaridades de seu trabalho científico. Recorda os aspectos atípicos de sua *ciência dos processos mentais inconscientes* (Freud, 1925, p. 87) e, como por exemplo, ter usado a si próprio como objeto de investigação e tratamento, e como avançou do individual ao coletivo, e, por conseguinte do coletivo para o individual: *Comecei tentando isto em mim próprio e então passei a aplicá-lo a outras pessoas e, finalmente, fazendo uma extensão ousada a toda a raça humana* (Freud, 1936, p. 293). Feita essa rememoração segue em sua rota em direção à descoberta do porque de seu distúrbio de memória, diante da conquista da magnífica Acrópole de Atena. O que nosso jovem, *aventureiro e conquistador*, da terra proibida, o inconsciente (1900), Roma (1901) e agora Atena (1904) deseja, e, por conseguinte, teme? Em busca de deciframento usará como guia a sensação de incredulidade, na veracidade do que seus olhos lhe revelavam. Recordemos que, em 1901, já fizera a incrédula observação: *o inconsciente vê antes dos olhos* (p.239): *o que estou vendo aqui não é real* (Freud, 1936, p. 299). Estaria Freud, no final da vida, uma vez mais, referendando o estranho na e da psicanálise? Entendo que sim.

Caminhado nesse sentido, Freud estranhamente, em Viena desengaveta agora, uma vivência, algo que ocorreu em 1904, logo após sua ruptura com Fliess, que me parece retornar em busca de elaboração. Enquanto isso, em Berlim, Ida Fliess está mexendo na gaveta das cartas Freud/Fliess – comunicação de inconscientes? – que irá vender ao livreiro Stahl, em

dezembro de 1936. Correspondência que, ao vir à luz em 1950, irá reescrever a história da psicanálise. Retorno de demanda por autoanálise? Estaria Rolland, de forma modesta, ocupando o lugar que fora de Fliess? Sinistras constatações. Vejamos se temos como corroborá-la.

No desenrolar desse conto, digo, da história clínica, Freud vai delineando seu romance familiar. Nele nos fornece elementos para referendar seu desejo incestuoso e parricida. Podemos especular que a figura materna surge deslocada na terra mãe Roma/Atena. Culturas desejadas e admiradas, intimamente relacionadas com a criação de sua ciência, portanto, proibidas. Para tomar posse dessa terra é necessário executar o parricídio simbólico. Ato traumático – 1904 – ocorrido meio às intensidades da resolução da sua neurose de transferência: o faz *sem passaporte*, sem autorização externa – há que bancar esse ato, tal qual o herói, com seus próprios recursos. Qual o preço a pagar por essa ousadia? Talvez seguir, assombrando por resquícios do *respeito filial, perturbado tantas vezes* pela lembrança desse incidente, vida a fora. O segundo momento do trauma – 1936 – se estabelece quando da revivência transferencial com Rolland: ecos à distância da revirada das gavetas pela viúva de Fliess? A morte se aproxima, a imortalidade se faz presente. Sua criação, a psicanálise, galgou reconhecimento desejado, provas da superioridade do filho Sigmund sobre pai Jacob. A superação paterna está posta. Nesse sentido, no encerramento dessa missa declara: *Parece como se a essência do êxito consiste em ter realizado mais que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai* (Freud, 1936, p. 203).

Para seguir dando guarida a essa intrigante proposição, agrego a esse conto outro romance, no qual Freud estava envolvido quando da escritura desse: *Moisés e o monoteísmo* (1934 – 1938). Assinalo que esse texto foi nomeado, em um primeiro tempo, de *O homem Moisés: um romance histórico*, condizente com o seu peculiar jeito de fazer ciência. Encontramos nesse romance, pegadas que evocam a continuação do processo de (re)autoanálise de Freud. Moisés, enquanto modelo identificatório, retorna, estranhamente, depois do trabalho de 1914, *O Moisés de Michelangelo*. Esse que foi gestado em decorrência da primeira grande cisão do movimento psicanalítico. Nesse retorno, 20 anos depois, vai revelando o processo de metabolização de Freud, enquanto *pai da horda*: na criação, estruturação da psicanálise e na questão da

sua judeidade. Nessa inter-relação vai se modelando as vicissitudes do homem Freud e seu romance histórico. Destaco a importância para o Moisés de Freud, diferente do bíblico, o fato de esse ser um egípcio na criação, na educação, bem como, na origem. Assim como para Freud, alemão na língua e na cultura, mas judeu na essência. Fato significativo que perpetua a temática do estrangeiro. Nesse perpetuar o estrangeiro ganha proeminência – semelhante, mas não igual – acontecimento relevante para ratificar a importância do conhecido como mola propulsora, para avançar rumo ao desconhecido. Em outras palavras, o disruptivo da eterna desconhecida, a pulsão de morte, se presentifica gerando desacomodações.

Freud segue com seu compromisso de destruidor de ilusões: suas e da humanidade – provável dor narcísica, o fato de sua ciência não se enquadrar na visão de mundo restritiva das ciências, o prêmio Nobel de medicina segue inatingível no horizonte⁷. Por essas associações podemos inferir o lugar da psicanálise como uma ciência estrangeira, também para a *Weltanschauung* científica.

Encerrando, um breve assinalamento de Freud, sobre o ser estranho e a psicanálise: *Na verdade, não ficaria surpreso em ouvir que a psicanálise, que se preocupa em revelar essas forças ocultas, tornou-se assim estranha para muitas pessoas, por essa mesma razão* (Freud, 1919, p. 303). Acredito que sim, e mais, penso que esse é o lugar que cabe à psicanálise e aos psicanalistas - serem estrangeiros em sua própria cultura. Sendo assim, significa estar comprometida em dar voz ao que deveria ficar secreto, ou ainda, ao que pertence ao *âmbito do marginal*. Na expectativa, que nossa Ciência *Unheimliche* siga implicada em seguir revolucionando a concepção que o humano, da pós-modernidade, tem si, revelando seu perene destino: a inexorável transitoriedade.

Os capítulos que seguem buscam efetivar esse compromisso, de fazer pensar, via as particularidades de uma boa prosa psicanalítica, sobre os estranhos caminhos que compõem e decompõem o sujeito e seu meio cultural.

⁷ Freud recebeu, em torno de nove indicações ao Prêmio Nobel de Medicina, entre 1915 e 1938. Para o Nobel de Literatura obteve três indicações.

Referências

- Freud, S. (1895) Projeto para uma psicologia científica para neurólogos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1896) Carta 52. In: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. (Masson, J. M., Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Original publicado em 1990.)
- _____. (1897a) Carta de 21 de setembro de 1897. In: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904* (Masson, J. M., Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Original publicado em 1990.)
- _____. (1897b) Carta de 15 de outubro de 1897. In: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904* (Masson, J. M., Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Original publicado em 1990.)
- _____. (1900b) A interpretação dos sonhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 4-5. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, S. (1907). Delírios e sonhos da Gradiva de Jensen. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 9).
- _____. (1909 - 1939) Correspondência Sigmund Freud a Sandor Firenze. Editora Fondo de Cultura Econômica. 1966
- _____. (1911a). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (*Obras psicológicas de Sigmund Freud*, 1).
- _____. (1911b). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia autobiograficamente descrito. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 12).
- _____. (1913 [1912-1913]) Totem e tabu. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 8. Rio de Janeiro; Imago, 1969.
- _____. (1914) À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1914) O Moisés de Michelangelo. Volume XIII. Standard.
- _____. (1915[1917]) Luto e melancolia. In: *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1916[1915]) Sobre a transitoriedade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1916). Os arruinados pelo êxito. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 14).
- _____. (1917) Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1919a/1995). "Uma criança é espancada": uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1919) O estranho. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. In: *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

Freud, S. (1921). Psicologia das massas e a análise do ego. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud 1923-1938* (Vol. 18, pp. 89-179), Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1924) O problema econômico do masoquismo. In: *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1934-1938) Moisés e o monoteísmo. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. O homem da areia. Contos fantásticos. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

Granger, Gilles Gaston. O Irracional. São Paulo-SP: Unesp, 2002.

Paim Filho e col. Exercitando a leitura de Freud nesses novos tempos. In: *Metapsicologia: um olha a luz da pulsão e morte*. Porto Alegre: Movimento, 2014.

Paim Filho, I. A. e Terra Machado, A. P.. *Masoquismo destino das pulsões - origem do sujeito*. In Relatório XXXII Congresso FEPAL. Lima, 2017/2018.